Ano IX Lisboa, 22 de Março de 1934 N.º 426

DIRECTOR AUGUSTO SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL O SECULO DE SANTA RITA

DESTINOS

Novela infantil por GRACIETTE BRANCO

(Continuado do número anterior)

TODOS os dias Rosinha vinha fornecer-se de géneros ao balcão de Fernando e sempre os seus olhos, alvoroçadamente, se encontravam. Já haviam dado alguns passeios juntos, um ao lado do outro, sorridentes, felizes. As suas almas entendiam-se sem palavras, num enlêvo suave, enternecedor,

Francisco, há muito, havia percebido aquêle amôr nascente e como era bom rapaz e simpatisava com êles, aprovava, intimamente, aquela inclinação.

Um dia diz-lhe Fernando, de súbito:

— «Francisco. Deixa-me desabafar contigo. Sinto-me cançado desta vida parada, sempre igual, de vender géneros a um balcão.

Outrora desejei muito esta vida, quando me queriam obrigar a chafurdar nas redes de sardinha, mas hoje, Francisco, tenho desejos irresistiveis de quebrar as algemas que me prendem a êste balcão!

Vês? Sou um desgraçado! Os meus primos são tão bons, tão delicados para mim, que não tenho, contra êles, a mais pequena censura. Tu, Francisco, tens sido sempre um belo companheiro, cheio de simpatia e afecto. E... vês? Não me sinto feliz. Tenho amôr a êste canto porque daqui conheci Rosinha, a querida criança, que há de ser, perante Deus e os homens a minha companheira futura. Mas, exactamente porque muito lhe quero, desejaria dar-lhe uma vida desafogada e feliz, como recompensa de muito que tem sofrido.»

Francisco, boquiaberto, contemplava o rapaz...

— «Então — (exclamou por fim) — tu vais-te embora, Fernando? O que dirá o patrão. Aqui podes ir juntando o teu vintem e um dia pões negócio teu, casas-te e pronto.

— Tu não me conheces, Francisco! Eu tenho dentro de mim, cada vez maior, um ideal como chama ateada de hora a hora! Pudesse eu modificar-me, Francisco, mas não posso!

Todos os dias leio nos jornais a chegada dum rico industrial, dum milionário inglês, de tantos favorecidos pela sorte; só favorecidos pela sorte, não digo bem, porque a sorte tem que ser ajudada. Trabalhadores incansáveis, empreendedores; cérebros criadores, braços infatigáveis. E assim é que se deve ser na vida, Francisco! Lutar para ser alguem, sempre para ser mais na vida.»

— «Eu cá não penso assim, Fernando. Graças a Deus, contento-me com o que tenho e isto me basta.»

— «E's feliz, Francisco e eu não. Hei-de levar

a vida sempre neste desejo de ser alguem e, quem sabe, — é quási certo — se nunca o conseguirei!»

Neste momento, um ardina alegre, vivo, ligeiro, como um pardal de telhado, entra no armazem, berrando furiosamente:

— «Çá está «O Século»! Olha «O Século»! S-é-é-é-é-culo!!!

Boas tardes *só* Fernando. Adeus, ó *só* Francisco.»

— Adeus, «Charuto»! Então, notícias fresquinhas?»

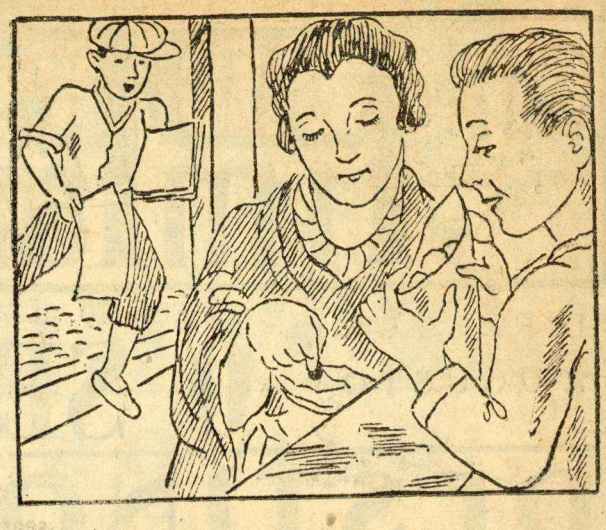
— Eh, *só* Fernando! Vem o jornal cheinho da notícia da partida daqui a oito dias, do inglês milionário, o rei do arroz, que tem estado em Lisboa!... Mas o que vocemecês não sabem é uma grande novidade, uma novidade de estrondo que até me faz andar atordoado, com a cabeça á razão de juros!... Imaginem vocemecês que o inglês precisava de dois criados, e como gosta muito dos portugueses, quiz levar dois de cá.

Ora como eu sou muito conhecido do imediato do barco, porque já estive ao serviço dele, como marinheiro, êle mandou-me chamar e preguntou-me se eu queria ser criado do inglês. Sabe que me podem confiar ouro em pó e que não sou mau rapaz, de maneira que se lembrou de mim.»

— «Tu, «Charuto»? Tu vais correr terras? Vais ser criado dum milionário?« — exclamou, entusiasmadissimo, Fernando.

— «E' verdade, *só* Fernando! Tambêm ainda me parece um sonho. O barco que é nosso, é português, o «Estrêla de Alva», larga só daqui a oito dias. Hoje é o último dia em que vendo jornais. Amanhã entro para o serviço de *mister* Grossmith.»

Nos olhos de Fernando brilhava um estranho clarão! As mãos tremiam-lhe num nervosismo intenso, quando, de novo a voz de «Charuto» se ergueu:



— «Vocemecês, que são pessoas sérias e de inteira confiança, não conhecem nenhum homem de seriedade garantida, que queira ir como meu campanheiro?

Fernando deu um pulo!

— «O quê? — exclamou rubro de entusiasmo. — Então tu ainda não tinhas companheiro e não dizias nada? Vou eu, rapaz; vou eu! Entra-me a felicidade pela janela dentro, na pessoa do «Charuto»! Anda! Vai dizer-lhe que tens um homem para te acompanhar, a quem também podem confiar oiro em pó! Eh, Francisco! Agora é que vou ser alguem! Levo aqui dentro, no peito, uma grande saudade de Rosinha e dos meus. Mas hei-de enriquecer por essas terras e hei-de voltar feliz e considerado! Eh, «Charuto!» Eh, Francisco, que estalo de alegria!»

(Continua no próximo número)

História duma avózinha

Por MARIA DE JESUS SILVA PAIVA

Era uma vez
uma Avósinha,
muito vèlhinha,
de alma branquinha
como o luar,

Sempre que ao serão,
seu fuso girava,
tremia e parava
entre os seus dedinhos
muito enrugadinhos,
ela ia contando
histórias de fadas
ou de princezinhas,
de reis e rainhas
e até de ovelhinhas
que iam pastar
relva mimosa
aos verdes prados,
quando orvalhados
e salpicados
de mal-me-queres.

E a santa Avósinha
emquanto contava,
enlevada, olhava
o grupo mimoso
que, atento, a escutava.

.....

E vivia assim
aquela Avósinha,
de alma tão branquinha
da côr do luar,
aos netos contando
contos de encantar,
emquanto girava,
tremia e parava
entre os seus dedinhos,
muito enrugadinhos,
o fuso doirado.

FIM

Carlos Alberto mascarou-se...

Por TOUTINEGRA
Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

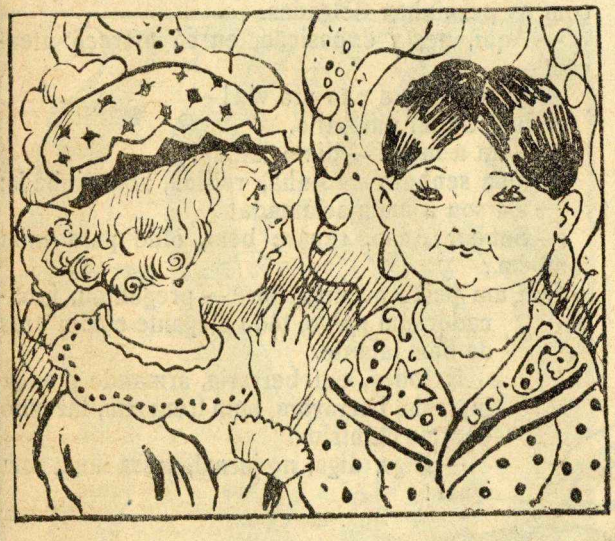
E' verdade, meus amiguinhos, o Carlos Alberto mascarou-se...

Com seu fato de págem, estava imensamente gentil; as mangas de balão, o chapéu emplumado...

Carlos Alberto, em domingo gordo, foi passear e pavoneou-se, garbosamente, pela Avenida, sôb o sol, claro e quente, dêste último Carnaval.

No dia seguinte foi visitar a avó, bôa e linda vèlhinha que o adora, e tirar uma fotografia que atestaria, para sempre, sua elegância e donaire. Finalmente, no terceiro dia, o último de folia, foi a uma «matinée» infantil. Aí, sim, aí é que êle se divertiu á grande!

Encontravam-se lá imensos meninos mascarados. Misturavam-se, num belo contraste, os príncipes, ricamente vestidos, os pequeninos oficiais do exercito e da marinha; damas antigas, mal podendo com as compridas saias de balão; saloios com barrete de borla; peixeiros com canastras e saloios de de trouxas, sôb as cabecitas cheiínhas de caracóis despontando entre os lenços.

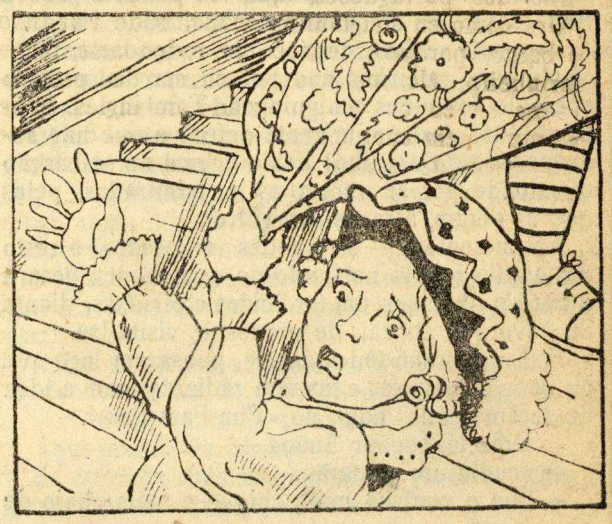


Carlos Alberto lá estava, também, com sua bôa mãisinha; tomou chá, comeu bolos e muitos chocolates, de que tanto gosta, e dançou muito.

Ao som da primeira música teve a honra de dançar com uma "pierrette" gentil; ao som da segunda com uma dama 1830, que mal podia andar devido ao peso das saias e, ao som da terceira, dispunha-se a convidar uma policroma borboleta mas, ao dirigir-se a ela, viu-a começar dançando com um diabinho vermelho.

Ficou desapontado!

Então, ouviu por detraz dele uma fina voz que lhe dizia:—Dance comigo, gostava tanto?!...



— Vira-se e vê uma gorda saloia, de grandes arrecadas, e botas grossas, mas de gentil rosto emoldorado por garrido lenço e exclamou, expontaneamente: — Contigo? Contigo não! Pareces a minha lavadeira; e retirou-se, ufano.

A festa continuou... Maria Olinda, assim se chamava a saloíta, amuou e Carlos Alberto dançou, dançou, escolhendo vários outros pares, indiferente a tudo.

Pois querem saber o que lhe aconteceu no final da festa?—Ao descer a alta escadaria do Grémio, caiu, desastradamente, e, se não fôra o rodado saiote da saloíta, que despresara tão cruelmente, e ao qual se agarrou com quanta força tinha, só Deus sabe em que estado êle chegaria ao final dessa escada.

Escusado será dizer-vos que Maria Olinda se não riu do gentil págem, ao vê-lo por terra. Só os meninos mal educados se riem do mal. Ela, apesar da indumentária ser grosseira, era boa e educada.

Nunca nos devemos fiar em aparências; não só no Carnaval elas iludem mas sempre.

FIM

POR ANÃO SABICHÃO

Venho hoje aqui, meus meninos, deixar-lhes as minhas impressões duma visita que fiz ao aquário de Algés.

Calculava eu que tôda aquela bicharia do mar, se achava contrafeita em tão pouco espaço e tinha saúdades do grande oceano, onde vivera.

Pois, não senhor, enganei-me, redondamente!

Aquêles peixinhos não podem ser dados como exemplo aos meus amiguinhos. Também êles sofrem — tal qual muita gente defeituosa — do grande pecado do orgulho! Estão cheios de satisfação e vaidade por se verem assim admirados, pelos que os olham, através dos vidros.

Até lamentam, — os grandes vaidosos! — o resto da família que, lá no fundo do mar, nunca gosará o triúnfo de nadar, em torciculos e piruêtas, diante do pôvo que ali vai, de propósito, visitá-los.

Mal me viram, tôdos á uma, pensaram logo que eu os ia entrevistar e ficaram radiantes com a idéa de serem falados aqui, no «Pim-Pam-Pum».

— Olhe lá, senhor Anão! —

— acudiu um camarão.

— Sou o marísco mais chique e mais cheio de arrebique!

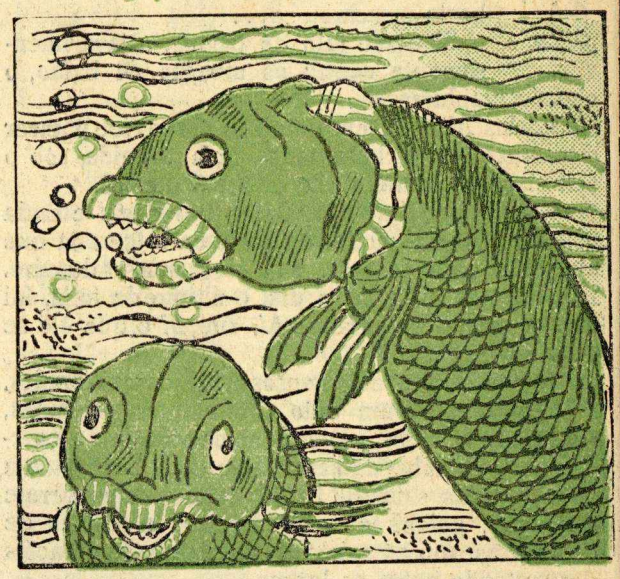
Dou na vista, certamente, nesta terra, a tôda a gente! —

Numa voz arrenegada, falou-me logo a pescada:

— Não dê assim atenção, a êsse parlapatão!

Só eu valho algum reparo, entre os outros, está claro! —

— Porque não olhou p'ra mim!... diz-me um



ruívo carmezim, vogando, em grandes pernadas com as perninhas delgadas.

— Aqui, nesta exposição, eu só mereço atenção! —

— Já se vê que não me viu! —

Volve, de lá, um safio.

— Nem a mim! — diz a taínha.

E uma senhora sardinha, refilou, abespinhada:

— Eu sou a mais aclamada!

— Senhor Anão, repare bem, olhe para mim também?

Sou um peixe ou uma flôr? — preguntou, fascinador, um pôlvo, tôdo elegante e com ares de bom falante.

E tôdos, em berraria, armando grande ingresia, berravam, num frenezim, fazendo enorme chinfrim:

— Diga, diga, no jornal, nossa fama sem igual!

Faça a nossa descrição, senhor Anão Sabichão!—

Na verdade, aqueles peixes do aquário eram uma beleza, com as suas escamas brilhantes, as barbatanas tão luminosas que pareciam reflectir as côres do arco-íris, nadavam com a maior ligeireza e graça!...

As lulas, chocos, e, principalmente, os polvos, pareciam lindas flores enrolando — e desenrolando os tentáculos em formas caprichosas, mas a mim aborrecia-me a vaidade de tôdos aqueles toleirões!

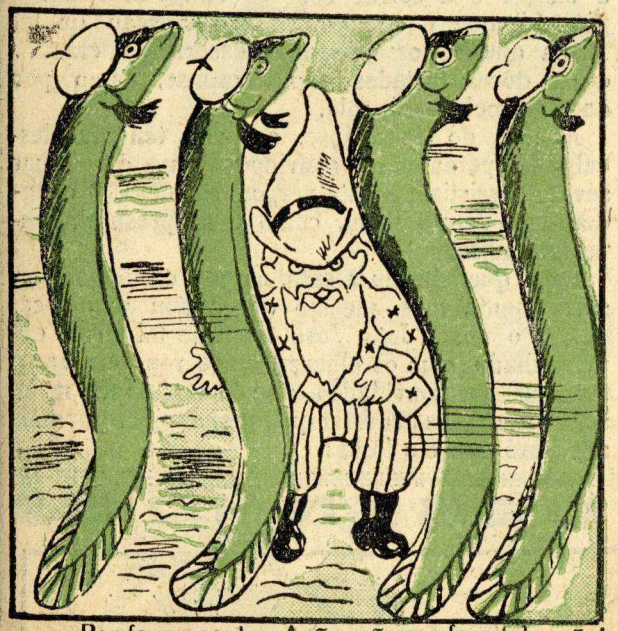
E, enquanto êles continuavam a empurrar-se, para se pôrem em evidência, eu fixei um ponto na areia onde qualquer cousa se movia.

Percebi que era a cabeça dum linguado.

O bicho olhou-me com o seu ôlho saliente e ainda mais se encafuou pela areia dentro.

—«Olá, amigo linguado, não te escondas! Eu gostava de conversar contigo! Também te agrada que fale de ti, no «Pim-Pam-Pum?» —

Ao ouvir-me, a cabeça do linguado tornou a aparecer, a sua bôca, um tanto torta, abriu-se a êle disse, timidamente:



—«Por favor, senhor Anão, não me faça tal acção! Mas, se quer falar de mim, pode então dizer assim:

— Esse bicho insignificante, tem um desgosto constante: não ter ficado no mar, onde deixou o seu par, e vive, numa arrelia, entre tanta bicharia, pois a sua aspiração, é não estar em exposição, com tanto basbaque á roda.

Isso muito o incomoda!» Achei simpático o linguadinho e, de mim para mim, gabei a sua modéstia e o seu amôr á linguada que lhe ficara no mar.

Para se sumir de todo, o bicharôco deu, com o rabinho, numa linda anémona, côr de rosa, e esta moveu-se, ao de leve.

Tive curiosidade de saber também a opinião da anémona que, no meio da barafunda dos tentáculos e barbatanas dos peixes, se conservava impassível, numa atitude de estátua.

Preguntei-lhe, então:

—«Poderia responder-me? Confessar-me o seu parecer? Está aí muito aborrecida? Desagrada-lhe essa vida?»—

Como se se espreguiçasse a bela anémona, estendeu os tentáculos, e muito dengosa, respondeu:

—«Porque havia de estar mal;

Aqui dentro do cristal?

Se eu ouço constantemente, as vozes de tôda a gente, louvar a minha lindêza?

Por isso tenho a certeza, que sou a maior beleza, em tôda esta colecção, que há aqui na exposição!»

Continuei o meu caminho, enjoado com mais êste exemplar de orgulho e vaidade.

Mas logo, mais adiante, parei.

Dera-me na vista uma data de enguias que se moviam todas, numa dansa desenfreada e cantavam assim:

—«Sômos as «girls» do aquário, dansamos sempre nêste fadário!...»—

—«Então as meninas enguias nuncam param? E gostam de passar a vida nêsse bailarico?»—indaguei admirando-as.

—«Ora, se gostamos! —exclamou uma delas, enrolando o rabinho sobre a cabeça. — Achamos muita graça ser admiradas sob êstes brilhantes jorros de luz, por outras enguias de bonézinho á banda!»—

—«Enguias de bonézinho á banda?!...» repeti eu, pasmado.

—«Sim senhor! As meninas modernas que nos veem vêr!»—explicou a trocista, enquanto as outras, num côro de gargalhadas, riam da gracinha da companheira.

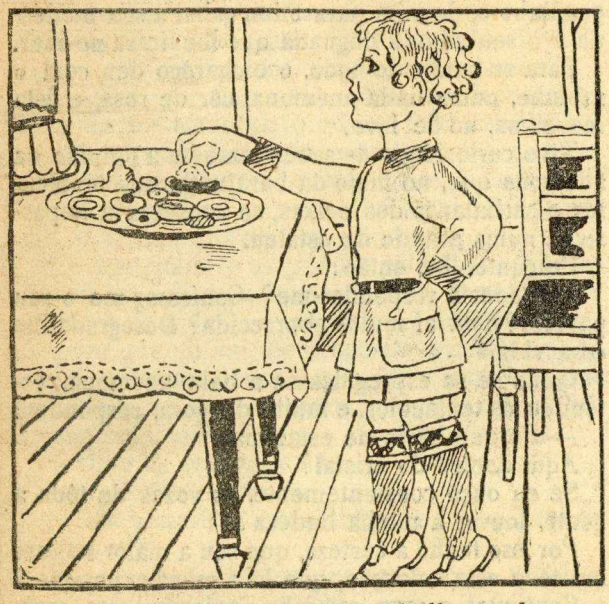
Nisto, tocou a sinêta para fechar o aquário, não tive mais remedio senão sair, mas prometi voltar e aqui lhes darei conta da minha segunda visita á bicharia.

João José

Por MARIA EMILIA BARBOSA VIANA

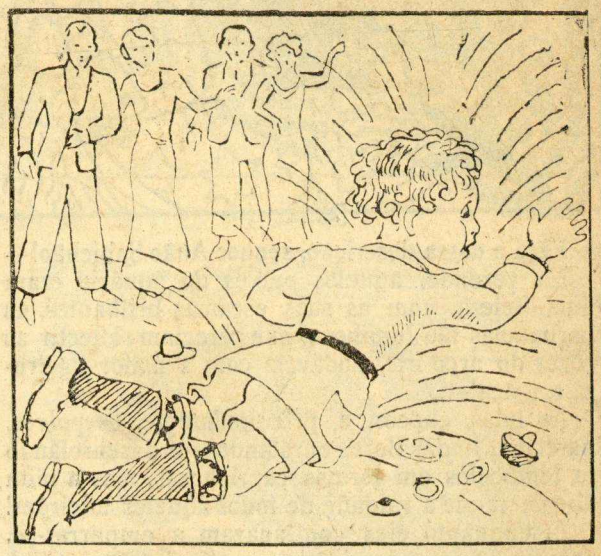
COM o rosto muito branco e rosado, um olhar cheio de suavidade e encanto, uma boquinha pequenina e deliciosamente guarnecida de dentinhos lindissimos, tudo isto graciosamente emoldurado por caracóis loiros, que mais pareciam fios de oiro, João José era, realmente, uma criança encantadora! Porém, com todos êstes predicados, tinha um defeito tão grande, tão feio, que quási se não dava pela sua beleza exterior.

Era muito lambareiro; tanto que chegava, até, a roubar docinhos para mais completamente satisfazer a sua desmedida guloseima!



Educado com muito mimo, tudo lhe perdoavam até mesmo quando êle chegava a casa triunfante, com as algibeiras cheias de docinhos furtados com extraordinária perícia, em algum chá a que tivesse ido. Mas, meus pequeninos leitores, todas as faltas teem o seu castigo e foi o que sucedeu ao João José, no dia em que foi com sua mãi a um chá de muita cerimónia, em casa da Senhora Marqueza de...

Como de costume, o nosso José, além de papar com bastante apetite, tratou de encher as algibeiras com os doces mais apetitosos, enquanto



os convidados, distraídos, conversavam sôbre diversos assuntos de oportunidade.

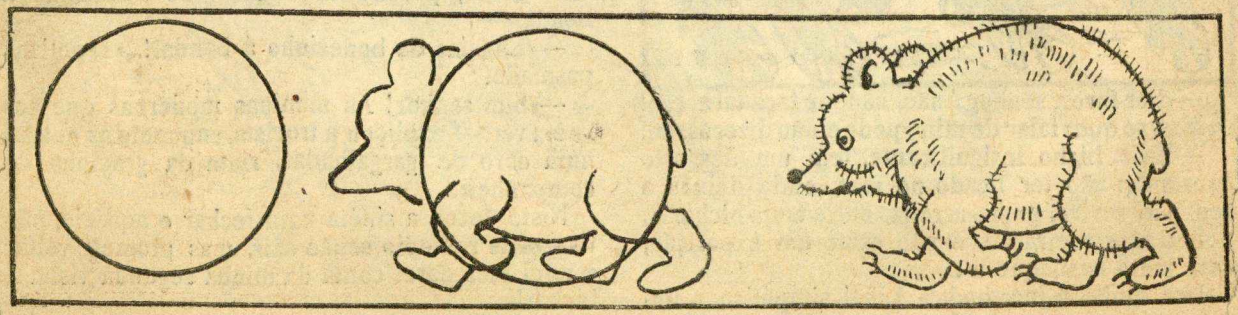
Findo o delicioso chá, passaram todos para o salão de baile, deslumbrante de luz e de espelhos, mas que estava muito escorregadio para, mais fácilmente, se deslisar quando se dançasse.

Esquecendo por completo que tinha as algibeiras a abarrotar de guloseimas, o João José tratou de dar largas á sua traquinice, e principiou a dançar e a correr com os outros meninos. O pior foi que o seu entusiasmo cresceu de tal forma que o nosso pequeno escorregou, caiu... e os dôces furtados espalharam-se, como por encanto, pela vasta sala.

A mãi do João José, em vão tentava desculpá-lo perante os convidados que, de olhar severo, assistiam a esta vergonhosa cêna, e o endiabrado garoto ficou, como é de presumir, envergonhadissimo!

Logo que chegou a casa, os pais castigaram-no severamente mas, mesmo que assim não sucedesse, o nosso João José ficou de tal forma envergonhado com os olhares, entre repreensivos e trocistas dos convidados, que nunca, nunca mais, sentiu tentações de furtar qualquer docinho por mais apetitoso que êle fôsse!

LIÇAO DE DESENHO



Como se desenha um urso

CHARADAS EM FRASE

E' *exclusiaamente* com este *tempêro* que se envernisa a *madeira do chão* 1-2.

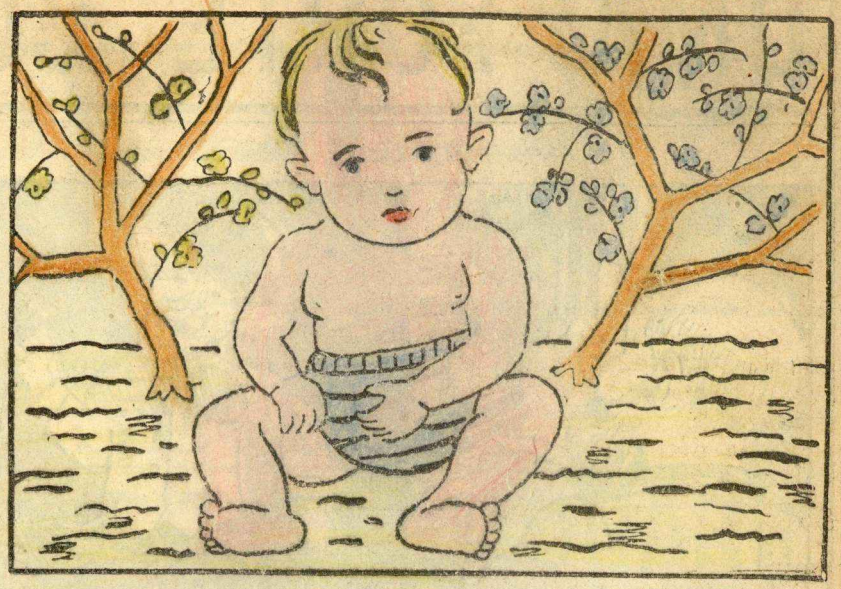
A *aia* passeando na *pequena região* era uma bela *cavaleira* 2-2.

O cómico *digere*, fazendo o papel de guloso, em *face* da plateia como um grande *actor*, 2-2.

Debaixo do *tecido* dêste toldo ou sob esta *copa* disfruta-se uma *linda vista*

Solução das anteriores: 1—Ovelha 2—Ricardo 3—Mármore 4—Garrano.

PARA OS MENINOS COLORIREM



ADIVINHA

Canta balancés, plangentes...
Sem maldade é arboricida:
mastiga e emprega os dentes
um a um e de corrida.

—:—

Solução da anterior: A escola.

Charadas combinadas

+ er — Alimentar
+ mo — Extasi
+ la — Cabedal

Utensilio de estudo

+ te — Ponto cardial
+ dro—Tela emoldurada
+ ps—Bonbom

Utensilio de estudo

+ mo—Utensilio de barco
+ la — Pecado mortal
+ la — Fila

Utensilio de estudo

+ co — grosseiro
+ to — Ave
+ xa — Legado
+ mo — Bouquet

Utensilio de estudo

+ ma — Espingarda
+ ce — Pudim
+ nco — Mineral
+ ma — Aia

Utensilio de estudo

+ po — Batráquio
+ la — Gôma
+ ma—Lôdo

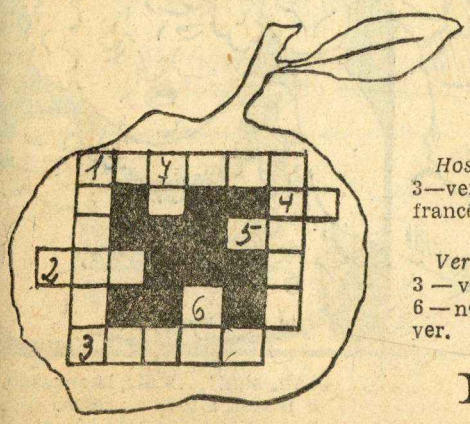
Utensilio de estudo

Solução das anteriores

1 — Tinteiro 2 — Aparo 3 — Caneta 4 — Borracha.

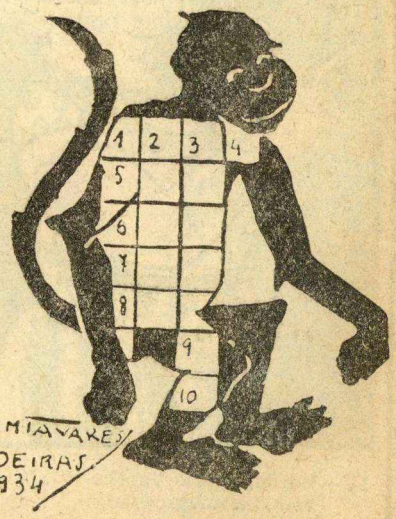
PALAVRAS CRUZADAS

Folha de parra



Hosizontais: 1 — arbusto 2 — verbo 3—verbo 4—nota musical 5—«e» em francês 6 — consoante 7 — consoante.

Verticais: 1 — usado 2 — consoante 3 — vogal 4 — consoante 5 — vogal 6 — nota musical 7— tempo do verbo ver.

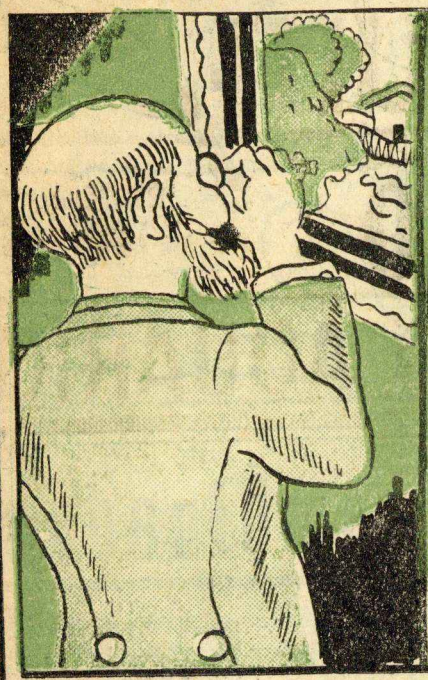


MACACO

Horizontais: 1 — Pequeno macaco brasileiro, 5 — margem, 6—numeral cardinal, 7—Argola, 3—Aparencia, 9—vogal, 10—consoante.

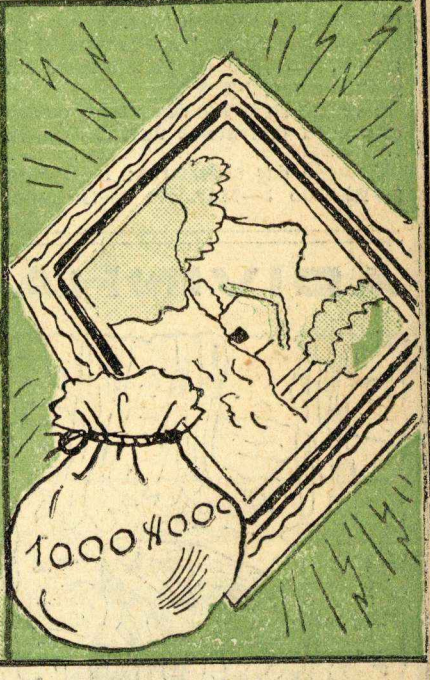
Verticais: 1—animal mamifero (africano), 2—habitante da Ibéria, 3—Antigo rei da India, 4—Vogal.

UMA FORTE COMOÇÃO



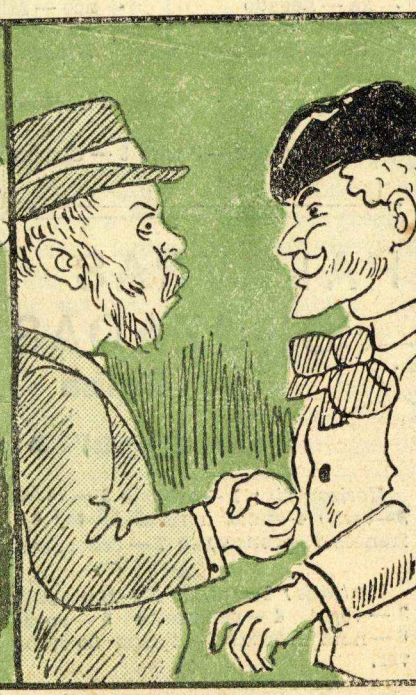
I — De visita ao grande artista
Acácio Pires Varela,
o Zé Reis, capitalista,
compra-lhe a mais linda tela.

II — E, a fim de o lisongear,
o Zé Reis diz em seguida:
—«Minha Mulher vai ficar,
com certesa, comovida.»



III — E acrescenta, de passágem,
dêsse seu dito as razões:
—«E' que ela, ante uma paiságem,
sofre grandes comoções!»

IV — Então, Acácio Varela
vê-a, na imaginação,
mandando fixar a tela,
em destaque, no salão.



V — Um mês depois ao Varela
o capitalista exclama:
—«Tal comoção sofreu ela
que chegou a estar d' cama!»

VI — «Ah, sim?!...» diz, lisongeado,
o pintor, a toda a pressa.
Volve o Reis: —«Foi mal pregado,
partiu-lhe o quadro a cabeça!»